

# PRÁTICAS INFORMACIONAIS EXPOSITIVAS: um estudo sobre o museu casa de José Américo

Tahis Virgínia Gomes da Silva\*  
Carlos Xavier de Azevedo Netto\*\*

relato de pesquisa

## RESUMO

A Ciência da Informação e a Museologia apresentam abertura para o diálogo disciplinar. Ambas as áreas interessam-se pelas exposições museológicas (LOUREIRO, LOUREIRO, SILVA, 2008; MORAES, 2008) compreendidas como o principal veículo de criação de significação social do museu. Esse artigo, fruto de dissertação, objetivou analisar a narrativa expositiva do Museu Casa de José Américo (CJA) a partir da caracterização da formação e do funcionamento das suas estruturas expositivas, enquanto práticas de informação, caracterizando-se como uma análise descritiva, de caráter também exploratório. Aborda as temáticas: Relação dialógica Ciência da Informação e Museologia; Exposições Museológicas e Práticas Informacionais em contexto museológico. O universo da pesquisa é a exposição permanente do Museu Casa de José Américo, localizado na cidade de João Pessoa - PB, cujo acervo representa a vida e obra do escritor e político José Américo. É utilizada como método de pesquisa a Análise Semiótica. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica da observação qualitativa direta e não participativa e a entrevista não dirigida e informal com a museóloga que planejou e montou a exposição do Museu CJA. Concluiu-se que a exposição museológica pode ser estudada como campo e objeto de pesquisa da Ciência da informação. Compreender as instituições museológicas como produtoras de informação e construtoras de representações através de fragmentos da realidade ali representados na cultura material expressa nos objetos expostos é perceber o museu como espaço de produção de significação. Portanto, a análise dos fenômenos informacionais, com foco na memória cultural coletiva, perpassa pela relação com a análise semiótica, através da qual é possível construir modelos metodológicos para o estudo da informação enquanto suporte da memória.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação e Museologia. Práticas informacionais – Exposições museológicas. Semiótica - Método de pesquisa.

\* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Bibliotecária do Centro de Ciência da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.  
E-mail: tahis22silva@gmail.com

\*\* Doutor em Ciência da Informação pela Universidade federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade federal da Paraíba, Brasil.  
E-mail: xavirnetto@gmail.com

## I INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação caracteriza-se por sua relação de diálogo disciplinar com outros ramos do saber. Saracevic (1996), Pinheiro (2005), Oliveira e Rodrigues (2008) ressaltam a abertura da área para uma interação com os outros campos do conhecimento. Essas interfaces serviram de apoio para que a Ciência da Informação

pudesse construir seus alicerces possibilitando sua consolidação terminológica e o uso dos métodos e teorias abordadas em torno da informação.

Por sua vez, a Museologia também buscou um diálogo disciplinar com outras áreas para construir novos conceitos dentro de sua especificidade. Portanto, pode-se afirmar que há interesse tanto na Ciência da Informação quanto na Museologia pela relação de diálogo

disciplinar, especialmente no que diz respeito aos estudos voltados para as exposições museológicas, uma vez que a estas têm sido direcionada a atenção de “distintas áreas” (LIMA, 2008) especialmente o interesse da Ciência da Informação pelo tratamento dado a informação no âmbito do espaço museal.

Considerando-se que a exposição é o principal veículo de criação de significação social do museu, e com isso, de construção e de disseminação de informação (MORAES, 2008), nesse artigo procurou-se analisar a narrativa expositiva do Museu Casa de José Américo (CJA) partindo da caracterização da formação e do funcionamento das suas estruturas expositivas, enquanto práticas de informação, ressaltando as contribuições da Ciência da Informação e da Museologia para o estudo das práticas informacionais museográficas, compreendidas como as metodologias adotadas para lidar com a “massa informacional” acomodada e acumulada no museu (ROCHA, 1999).

Esse artigo é fruto de parte de dissertação defendida e aprovada, em 2011, no âmbito do PPGCI/UFPB, objetivando analisar a estrutura e o funcionamento da exposição permanente do Museu Casa José Américo (Museu CJA), localizado na cidade de João Pessoa - PB.

A análise da estruturação e do funcionamento da formação expositiva do Museu Casa de José Américo – enquanto práticas informacionais – foi motivada pela compreensão de que os aspectos informacionais dos processos envolvidos na construção de exposições são objeto de interesse tanto da Ciência da Informação quanto da Museologia. Sendo a exposição uma das formas de relação do museu com a sociedade de maior representabilidade de sua função social (GONÇALVES, 2004), seu principal instrumento de comunicação, e com isso de construção de informação.

Partindo do pressuposto de que o estudo da estrutura expositiva de um museu possibilita a compreensão de suas práticas informacionais museográficas e sua relação com a preservação e divulgação da memória coletiva, essa pesquisa se norteou sob os seguintes objetivos:

- a. Caracterizar o Museu Casa de José Américo como instituição–memória e propagadora de identidade e da cultural material coletiva;
- b. Caracterizar o acervo do Museu Casa de José Américo, examinando os objetos que o compõe a partir da óptica da Semiótica informacional e Semiótica Indicial;
- c. Dimensionar os instrumentos de informação utilizados na exposição.

As práticas expositivas do museu podem ser compreendidas como práticas informacionais, veículos de divulgação da informação, representadas no objeto/documento (LOUREIRO; LOUREIRO; SILVA, 2008), as quais se apresentam como principal condutor de significação sócio-cultural do museu (CURY, 2006b).

## 2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS E ELEMENTOS EXPOGRÁFICOS DO MUSEU

Práticas informacionais podem ser definidas como: “[...] mecanismos mediante aos quais significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos [...]” (MARTELETO, 1995, p. 91), ou seja, são práticas de criação e representações de significações e sentidos que ocorrem na esfera das relações entre grupos de indivíduos dentro de um contexto de acordo sociocultural. Por seu turno as práticas informacionais museográficas são os métodos e ações empregadas no cotidiano do museu, tais como atividades de seleção, classificação, produção e divulgação da informação no contexto museal (ROCHA, 1999). Sendo, portanto, essas práticas reprodutoras “de conceitos, noções e teorias que tem na cultura material seu foco de análise.” (LOUREIRO; LOUREIRO; SILVA, 2008, p. 4).

Segundo Loureiro (2000, p.112) os museus preocuparam-se mais com a “preservação física dos objetos” deixando de lado o caráter informativo desses objetos, ou em outras palavras, no contexto do museu “a preservação enquanto prática tem deixado, sistematicamente em segundo plano, aspectos ligados à informação” (LOUREIRO, 2000, p.112).

No entanto, como uma forma de suprimir suas deficiências na linguagem expositiva os museus se valem de outros recursos, como a

linguagem verbal escrita “[...] textos e etiquetas informativos” (SILVA, 1999, p.69) para auxiliar no diálogo entre o museu e o seu público.

Francisco Javier Zubiaur Carreño (2004, p. 280) afirma que o museu não se define como mero espaço de “exposição de objetos”, mas, sobretudo, um espaço de comunicação e educação. Portanto, um espaço de construção de sentidos, espaço de produção de informação.

Como produtor de informação no museu transcorre ações que possibilitam a construção e o fluxo da informação, constituindo essas ações como as práticas informacionais expressam no contexto de uma instituição museológica.

Uma vez que “O museu formula e comunica sentidos a partir de seu acervo [...] cada exposição suscita novos significados [...]” (CURY, 2006a, p.76 -77) tendo esta uma abertura polissêmica, comunicando sua interpretação de mundo, através dos objetos que selecionaram ao seu público.

Para Rocha (1999) a exposição é a expressão dos procedimentos informacionais que o museu adota e de toda a atividade de comunicação que possibilita “a transferência de informação” (ROCHA, 1999, p.13) no contexto do universo musealizado da instituição museológica. Ou seja, é na exposição que se constrói e se comunica as práticas informacionais do museu.

Para alicerçar a análise dos dados obtidos através dos procedimentos metodológicos foi utilizada como princípio metodológico a Análise Semiótica dos objetos que compõem o acervo da instituição museológica pesquisada, buscando através desse método caracterizar o conteúdo significativo e a construção de sentidos da exposição, portanto, faz-se necessário definir o conceito de Semiótica adotado aqui como método de pesquisa.

### **3 A SEMIÓTICA PEIRCEANA COMO MÉTODO DE PESQUISA: semiótica indicial e os objetos musealizados**

A Semiótica de Peirce, ou doutrina dos signos (PEIRCE, 2008) tem se apresentado adequada para os estudos sobre o sistema de significação, processo de organização e representação da informação destacados nos estudos da Ciência da Informação nos últimos anos (OLIVEIRA, RODRIGES, 2008).

Às vezes compreendida como campo e outras vezes como disciplina (ECO, 2007) a Semiótica é apontada também como método de pesquisa onde se destaca dois modelos semióticos denominados como Modelo Semiótico-Informacional e modelo Semiótico-Textual (SANTAELLA, 2001). Devido às interfases entre a Semiótica e a Ciência da Informação foi adotado instrumentalmente o modelo Semiótico-Informacional.

Proposto por Umberto Eco (SANTAELLA, 2001) o modelo Semiótico-Informacional, estuda a função sígnica (comunicação) como processo de transformação da informação através de um sistema de códigos (significação).

Umberto Eco em sua Teoria Semiótica Geral propõe duas categorias, a Teoria do Sistema de Códigos (Signos) ou Semiótica da Significação e a Teoria da Produção Sígnica ou Semiótica da Comunicação, a qual se destina explicar qualquer fenômeno “de função sígnica em termos de sistemas” (ECO, 2007, p.1).

Em síntese, Eco (2007) argumenta que o sistema de códigos ou significação ocorre quando um fenômeno convencionalizado socialmente produz “funções sígnicas”. As quais ocorrem “[...] quando uma expressão se correlaciona a um conteúdo, tornando-se ambos os elementos correlatos fúntivos da correlação” (ECO, 2007, p.39), ou seja, é a inter-relação entre a comunicação (expressão) e a significação (conteúdo) na análise semiótica.

Reconhecendo que sua proposta depara-se com limites, Eco (2007) os define como: Políticos e Naturais. Os limites empíricos (naturais) nos quais se apresentam os assuntos ainda não cobertos pela Semiótica Geral, compreendem o espaço e fenômenos ainda não percorridos em profundidade pela Semiótica, a exemplo do território dos “objetos de uso e formas arquitetônicas” (ECO, 2007, p.4).

Cobrando essa laguna no campo dos estudos semióticos se insere a Semiótica Indicial proposta por Juan Magariños Morentin (2002/2007) ao afirmar que os objetos, comportamentos e as memórias (ou recordações) têm a qualidade de objetos semióticos, isso devido a possibilita de se perceber essas “entidades enunciativas” a partir de suas existências ontológicas.

Eco (2007) sustenta que os objetos devem ser analisados na perspectiva semiótica, o que

confirma a posição metodológica adotada nessa pesquisa. E como Coelho Netto (2007, p. 68) ressalta que “todo signo e toda relação triádica ordenada e completa de um signo tem de ter um Objeto” não sendo relevante se esse Objeto seja “coisa ou evento”, mas, sim que seja significativo ou significante do signo, portanto, os objetos musealizados podem ser objeto de pesquisa semiótica (MORENTIN, 2002/2007).

Para identificar como se dar a utilização das peças (objetos/documentos) na construção da exposição do Museu CJA se fez uso da proposta de análise dos objetos musealizados a partir da Semiótica Indicial apontada por Morentin (2002/2007).

Morentin (2002/2007) defende a Semiótica Indicial, partindo de Peirce (2007), como a mais apropriada para a análise de objetos musealizados. Ressaltando, no entanto, que “[...] nem todo objeto, comportamento ou memória é um índice, senão aquele que representa outro objeto, comportamento, memória diferente do que se está percebendo [...]” (MORENTIN, 2002/2007, tradução nossa).

Para Morentin (2002/2007, não paginado) o signo indicial é caracterizado pelos seguintes aspectos:

El Signo Indicial es algo: un existente, o sea: 1/ un objeto o 2/ un comportamiento [...] que está en alguna relación: se lo propone (en cuanto Semiosis Sustituyente) como representación: 1/ indicativa 2/ o designativa [...] respecto de (otro) algo: su objeto o fundamento, respecto del cual [...] para alguien: el que lo interpreta (en cualquiera de los dos casos: como Representación Indicativa o Designativa), atribuyéndole (en cuanto Semiosis Sustituida y, por tanto, como nuevo signo en la mente del intérprete) una calidad de: 1/ icono (en cuanto valor formal), 2/ índice (en cuanto valor existencial) o 3/ símbolo (en cuanto valor convencional o normativo) [...]

Logo, o signo indicial é um objeto ou comportamento que está em relação a alguma coisa ou a algo, ou seja, é uma representação, que tanto pode ser indicativa ou designativa.

Com isso, o museu enquanto instituição - memória materializada numa construção arquitetônica é signo indicial indicativo simbólico, uma vez conforme Morentin

(2002/2007, não paginado) é “[...] Un objeto indicativo como indicio simbólico; (b) algo que aparece en un lugar recuperando un valor que ya no está”, pois, representa a casa onde morou José Américo em seus últimos anos de vida, e por outro lado os objetos musealizados expostos no museu são signos indiciais designativos simbólicos, ou melhor, esclarecendo, (a) “[...] Un objeto designativo como objeto único simbólico; (b) algo que aparece en un lugar representándose a sí mismo en cuanto valor [...]” uma vez que os objetos representados na exposição permanente do Museu CJA simbolizam os hábitos e costumes da vida pública e particular do político e escritor José Américo no século XX.

A partir de categorias adotadas por Morentin (2002/2007) foram elaboradas as variantes para análise da exposição permanente do Museu CJA, bem como para a análise dos objetos que compõem o acervo exposto. Conforme quadro, a seguir:

**Quadro1** - Variantes da pesquisa

<b>O MUSEU CJA ENQUANTO INSTITUIÇÃO-MEMÓRIA</b>	<b>O ACERVO EXPOSITIVO</b>
<b>A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS OBJETOS EXPOSTOS</b>	<b>CONCEPÇÕES MUSEOLÓGICAS</b>
<b>A EXPOGRAFIA</b>	<b>A TIPOLOGIA INFORMACIONAL</b>

Fonte: dados da pesquisa

Ao selecionar objetos para compor seus acervos associando esses a outros recursos informacionais ou informativos, tais como textos impressos, elementos das linguagens visuais, etc., os museus transmitem “mensagens ao público” (CARVALHO, 2000, p.130). Sendo essa mensagem construída a partir da utilização de códigos diversos e de “sistemas semióticos”.

#### **4 PERCURSOS METODOLÓGICOS: PERCORRENDO A TRAJETÓRIA DA PESQUISA**

Essa pesquisa se caracterizou como uma análise descritiva, além do seu caráter também exploratório, por desenvolver um levantamento do referencial bibliográfico sobre o tema analisado

de forma combinada. Essa abordagem pode ser delineada como um estudo de campo, como foi indicado pelas características acima mencionadas, de acordo com Gil (2006). Tendo como primeira etapa a revisão literária tal qual se destacam as seguintes temáticas: as relações dialógicas entre a Ciência da Informação; Práticas Informacionais e Exposições Museológicas e em contexto museológico entre outros temas correlacionados, e a Semiótica enquanto método de pesquisa.

O universo da pesquisa foi à exposição permanente do Museu Casa de José Américo, localizado na fundação que recebe o mesmo nome, no litoral da cidade de João Pessoa – PB. A coleta de dados se fez primeiramente através do diagnóstico, baseado na técnica da observação no espaço da própria exposição e na análise de fontes documentais (tais como informações obtidas através do site do Museu CJA e do folder do museu) buscando caracterizar o acervo do Museu CJA, procurando identificar os tipos de suportes informacionais da mesma.

Para a coleta de dados foi utilizada a técnica da observação qualitativa direta e não participativa, no espaço do Museu CJA, desenvolvida em cinco momentos: uma visita informal para mediação de contato com a direção e responsáveis pela exposição, no ano de 2009; outras três visitas para fotografar o acervo e a exposição permanente e contato com a museóloga que planejou e montou a exposição permanente para solicitar agendamento de entrevista não dirigida e informal, no ano de 2010.

Destaca-se que “a observação qualitativa não é mera contemplação [...] implica entrar fundo em situações sociais e manter um papel ativo, assim como uma reflexão permanente, estar atento a detalhes (não as coisas superficiais) de fatos, eventos e interações”. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 383). Consistindo, por conseguinte, em analisar os dados diagnosticados como “dá profundidade aos dados, a dispersão, a riqueza interpretativa, a contextualização do ambiente, os detalhes e as experiências únicas [...]” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 15) adequando-se aos objetivos propostos.

Unida à observação qualitativa foi selecionada como instrumento de pesquisa e coleta de dados a entrevista não dirigida e informal por meio de encontros informais e através de e-mail, com a museóloga que planejou e montou a exposição do Museu Casa José Américo.

## 5 CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS SOBRE O MUSEU CASA DE JOSÉ AMÉRICO

Em frente à praia do Cabo Branco, bem próximo ao ponto mais oriental das Américas, no número 3336, localiza-se o Museu Casa de José Américo integrado à “Fundação Casa de José Américo criada pela Lei 4.195, de 10 de dezembro de 1980 e reconhecida de utilidade pública pelo Decreto Federal 93.712, de 15 de dezembro de 1986.” (Folder do museu). A casa na qual José Américo de Almeida passou os últimos vinte e dois anos de sua vida, compreendendo as dependências, os objetos, móveis e espaços de apreço de José Américo, foi transformada em uma casa-museu, aberta a visitação pública desde 1982. Onde segundo o folder do museu “[...] nada é escondido dos olhos e sentidos dos visitantes”. Compreendendo também o Mausoléu, onde está sepultado o escritor junto a sua esposa Alice. Obra assinada pelo arquiteto iraniano Baham Khorramchahi, que foi inaugurado em 20 de janeiro de 1983, “com a presença do Presidente João Baptista Figueiredo e da Ministra da Educação Esther de Figueiredo Ferraz” (MUSEU CASA DE JOSÉ AMÉRICO, 2010).

Para Ponte (2007, p. 2), casa refere-se ao espaço “privado, pessoal, de refúgio e intimidade”, por outro lado museu, carrega um percentual de dimensão pública, uma vez que “[...] é criado para receber pessoas, transmitir conhecimentos e interagir com o público, a que se associa a função de conservar, estudar e divulgar coleções” (PONTE, 2007, p. 2). Com isso, pode a princípio afirmar que a casa-museu carrega em si uma dupla dimensão ou o confronto entre o universo privado e a esfera pública. Por fim, define que a casa-museu é um:

[...] Espaço doméstico convertido em equipamento público, posto ao serviço deste com vista a celebrar e evocar a história de um homem, de um país, de um grupo ou um acontecimento, que, por estar directamente relacionado com a casa, se consegue apreender nesse espaço (PONTE, 2007, p.30).

Ponte (2007) também apresenta alguns pré-requisitos para que uma casa, espaço doméstico e privado, seja convertida numa casa-museu, espaço público e coletivo:

- a) A existência do espaço casa;
- b) A vivência da personalidade, patrono ou “vulto” que se queira homenagear ou memorar, no espaço da casa;
- c) A permanência de objetos e/ ou bens móveis do patrono no espaço da casa, que uma vez musealizados se tornaram no acervo da casa-museu.

Segundo Ponte (2007, p.8) a coleção de uma casa-museu se constitui do “conjunto do cotidiano doméstico existente em qualquer habitação, mas ligados ao gosto pessoal do patrono, e [...] interesses e situação financeira do patrono” compreendendo, às vezes, também obras de artes, ou seja, objetos que podem fugir do uso cotidiano, mas que estavam atrelados aos gostos do patrono.

A casa quando transformada em um museu sofre um processo de modificação que passa necessariamente pela atividade museológica. As casas-museus devem representar o cotidiano da personalidade que ali viveu.

A criação de uma casa-museu pode está relacionada com a celebração do estilo de vida de determinada pessoa pública, que se sobressaiu na sociedade, ressaltando sua vida cotidiana ou legitimar ideologias para justificar tentativas de manipulação das opiniões e hábitos sociais. Com isso os motivos que podem levar a criação de uma casa-museu, segundo Ponte (2007) são:

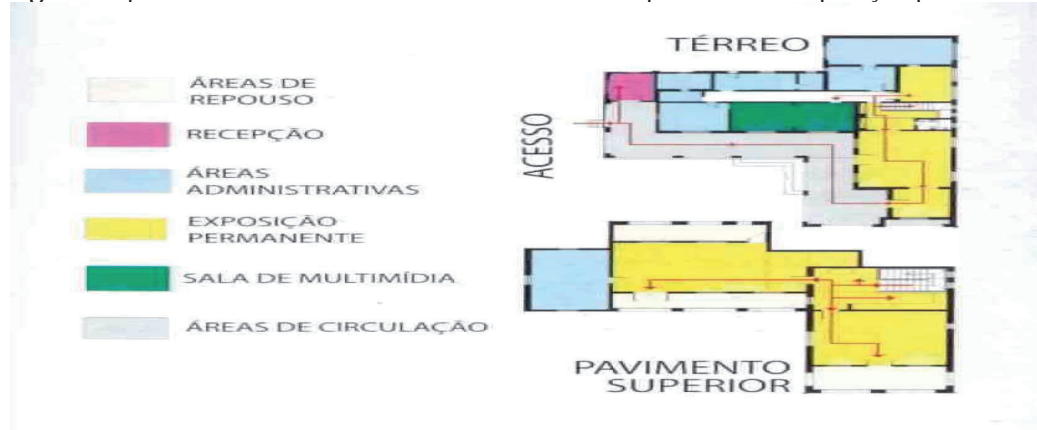
- a) Motivações pessoais;
- b) Motivações patrióticas;
- c) E/ou de incentivo ao sentimento de identidade nacional.

Em relação ao Museu Casa de José Américo a criação do museu foi motivada pelo interesse da administração pública da época. De acordo com o relato da museóloga:

Quando a casa foi adquirida pelo Governo do Estado na ocasião da morte de José Américo, ela veio com todo seu conteúdo: mobiliário, pertences utilitários e peças íntimas como roupas, livros, correspondência, documentos, fotografias, manuscritos, etc. (MUSEÓLOGA/ARQUITETA, 2010).

O Museu CJA apresenta uma ampla varanda (Áreas de Circulação) que envolve toda a lateral e frente do edifício. Trata-se de um sobrado, construção geralmente composta por um piso térreo e um piso superior (MIGUEL, 2003). Composta por dois pavimentos. No pavimento térreo se localiza a Recepção, as Áreas Administrativas, a Sala de Multimídia e os primeiros percursos da exposição permanente, ambientados nos antigos espaços da residência de José Américo. Os quais procuram reconstituir a Sala de Jantar e a Sala de Estar (antessala) do escritor/político. Há dois acessos principais a exposição permanente um é a porta de acesso a Sala de jantar e o outro a porta de acesso a Sala de estar. Com isso, pode-se observar a função simbólica do elemento porta uma vez que esta “passa a ser signo, carregado de valor simbólico, sendo o elo entre dois mundos antagônicos: o social e o particular” (MIGUEL, 2003, p.21) ou o privado e o público. Conforme a figura 1 a estrutura física do Museu CJA segue o seguinte esquema, de acordo com a planta baixa:

Figura 1 - planta baixa da casa-museu e em amarelo o percurso da exposição permanente



Fonte: folder do Museu CJA

O Museu CJA se distribui nas seguintes dependências conforme o quadro a seguir:

para recepcionar, foi então reajustada. (MUSEÓLOGA/ARQUITETA, 2010)

**Quadro 2** - Dependências do Museu Casa de José Américo

Pavimento térreo	Pavimento superior
Exposição permanente: sala de jantar e sala de estar; vitrines.	Exposição permanente: quarto do casal; biblioteca/escritório de José Américo; vitrines.
Áreas administrativas	Área administrativa
Recepção	
Sala de multimídia	
Áreas de circulação: varanda	Áreas de repouso: varanda

Fonte: dados da Pesquisa

A casa-museu representa ou reflete sobre a vida daquele que ali vivia ou daqueles que ali conviviam de tal maneira que esta pode ser comparada a uma biografia. Por isso, afirma-se que a casa-museu referencia o cotidiano de determinada personalidade, que também deve ser distinta dos demais indivíduos de sua época, preservando o máximo possível dos espaços e objetos originais da casa daquela personalidade (PONTE, 2007). Com isso, de acordo com a museóloga na constituição da exposição permanente da Casa de José Américo foram mantidas as dependências originais:

Praticamente toda a casa virou área expositiva. Só ficou fora a parte relativa aos quartos no pavimento térreo, pois não havia mais o mobiliário e por outro lado precisava de certos ambientes, como área de projeção, um mini auditório, que ficou neste local, inclusive porque já não haviam mais as paredes divisórias dos quartos. Outro ambiente também foi a cozinha e a área de serviço, que não mais existiam, estes espaços foram adaptados para salão de exposição temporária. Recentemente houve uma reformulação, por parte da presidência, destes espaços, que alteraram o projeto museográfico. A recepção do Museu também, era em um quarto externo (no antigo museu era sala de trabalho), como e se prestava perfeitamente

Conforme Miguel (2003) as funções habitacionais ou dependências surgiram nas residências brasileiras primeiramente nas casas paulistas de meados do século XIX. Sendo distribuídas em “estar, serviço e dormir [...] No sobrado, predominante entre a classe dominante, reserva-se o andar térreo para as funções ‘estar’ e ‘serviço’, deixando a função dormir’ para o piso superior”. (MIGUEL, 2003, p.198). No caso do Museu CJA após as alterações ficaram basicamente quatro dependências, ambientes ou cômodos: a sala de estar ou sala de visitas, a sala de jantar, o escritório ou gabinete (também biblioteca particular) e o quarto do casal.

A criação de uma casa-museu também envolve a ação de indivíduos que interagem na sua constituição. São os produtores da informação envolvidos no processo de museografia e expografia de uma casa-museu (PONTE, 2007), conforme os pontos que seguem:

- a) Patrono: Representado pela personalidade homenageada, que justifica a existente da instituição, lhe dando o nome. A memória a quem a casa-museu é dedicada
- b) Fundador: Indivíduo ou instituição que cria ou organiza a casa-museu. Este é quem elabora ou administra as políticas de gestão da casa-museu.
- c) Doadores: Podem ter relação direta com a personalidade homenageada, compreendendo, com isso, parentes, familiares (esposa, filhos, etc.), amigos próximos e/ou admiradores.
- d) Organizador/equipe que monta, planeja a exposição: Diz respeito aos profissionais que atuaram no planejamento museológico, responsáveis pela migração ou transposição da casa doméstica para a casa-museu.

Portanto, considerando relevante destacar esses atores da informação (TOMAÉL; MARTELETO, 2006) constituindo o seguinte quadro:

**Quadro 3** - Atores da informação no Museu Casa de José Américo

Patrono	Fundador	Doadores	Organizador
José Américo de Almeida	O governo do Estado da Paraíba, na época Tarcisio de Miranda Burity	Familiares de José Américo	Equipe de especialistas

Fonte: dados da Pesquisa

Num museu a exposição é a forma da equipe “pesquisadores, museólogos, historiadores, educadores” (ROCHA, 1999, p.90) transmitir ao público visitante sua representação do mundo ali apresentado, sua versão ou interpretação de uma parte da realidade. Através das ações/decisões da equipe que planeja e monta as exposições, o museu constrói uma representação fragmentada da realidade, através da exposição do seu acervo.

Esta equipe pode-se assim dizer assume a autoria da exposição. A autoria no museu, segundo Rocha (1999) consiste no ato de assinar a exposição, apresentando os pressupostos que nortearam a organização desta, esclarecendo, especialmente ao público visitante, “o grau de especulação sobre o material apresentado; e declarar que a exposição é tão precisa e

verdadeira quanto o estado do conhecimento permite” (ROCHA, 1999, p.98). Com isso, destaca-se a relevância da assinatura de quem organizou a exposição, que pode está presente no catálogo ou em um painel da exposição, descrevendo as premissas de elaboração da exposição a partir da fundamentação conceitual que validam ou dão crédito ao discurso museográfico.

Para a construção da exposição permanente do Museu CJA foi necessária à reunião de uma equipe de especialistas e pesquisadores que juntos definiram quais as formas mais adequadas para elaborar a museografia e expografia do Museu CJA.

Conforme as informações obtidas com a *entrevista* não dirigida e informal com a museóloga a equipe pode ser assim representada de acordo com as suas funções e especialidades:

**Quadro 4 - Função dos membros da equipe que montou a exposição permanente do Museu Casa de José Américo**

Especialidade	Função
Museóloga/arquiteta	Seleção e planejamento da exposição permanente
Restauradores	Iluminação, umidade de ambiente, seleção de suportes
Geógrafo	Pesquisa
Historiadora	Pesquisa
Geógrafa	Coleta de acervos
Galerista	Computação gráfica
Artista plástico	Escultura de farda e busto
Pesquisadores sobre a obra de José Américo	Informações sobre vida política

Fonte: dados da Pesquisa

Para se compreender melhor a construção expográfica do museu se faz necessário conhecer também as características disciplinares do museu. Essas características disciplinares passam pela política do museu (CHAGAS, 2002) são elas:

- a) A organização do espaço através da utilização dos critérios museográficas de organização e individualização espacial que define o arranjo de salas e/ou ambientes, e determina os percursos e/ou circuitos;
- b) O controle de tempo. Nas instituições museológicas o tempo de permanência no museu é sempre controlado mesmo

que sugerido de forma discreta, há uma orientação que controla o tempo em que os visitantes entram ou saem de cada percurso da exposição;

- c) A política de segurança no museu. Uma vez que “[...] o museu vigia e é vigiado [...]” (CHAGAS, 2002, p.47);
- d) A produção do conhecimento. “O poder disciplinador dos museus gera também os saberes específicos, referentes ao espaço, ao tempo, aos bens colecionados, ao público e ao próprio conhecimento produzido [...]” (CHAGAS, 2002, p.43). Para se visitar a exposição é necessária uma espécie de comportamento diferenciado “[...]”



As exposições, seus circuitos, textos e legendas requeriam de seus visitantes um tipo de comportamento que pertencera até então somente as camadas ilustradas [...]” (SANTOS, M., 2002, p. 110).

Observa-se que a organização do espaço e a forma de arranjar os objetos do acervo que estarão em exposição merecem destaque bem como o reconhecimento de como o museu produz conhecimento especialmente através de seus recursos ou elementos informacionais.

Para a construção de sentidos a instituição museológica utiliza elementos os quais o museu se vale para exercer seu papel de disseminador do patrimônio. Carreño classifica esses elementos como “diretamente informativos e elementos indiretamente informativos” (CARREÑO, 2004, p. 280).

Na apresentação dos objetos musealizados os elementos diretamente informativos caracterizam-se por dois aspectos:

- a) São suportes diretamente informacionais;
- b) Não modificam a forma de ver ou apreciar o objeto exposto, constituindo-se por informação ou mensagem independente da apresentada no objeto.

Com isso, o autor classifica esses elementos como: “[...] informação escrita, informação complementar, informação audiovisual e informação exterior [...]” (CARREÑO, 2004, p. 280).

Devido às especificações da casa-museu analisada observa-se principalmente a informação escrita, que dá ênfase na qualidade e na quantidade de texto a ser lido e na forma de organização dessa informação.

Para tanto, se deve segundo Carreño (2004) observar também o sistema tipográfico, que consiste no formato ou fonte do texto impresso ou presente na sinalização ou etiquetas dos objetos exposto. O texto deve ser simples, pouco extenso, com o conteúdo claro, consistente e coerente. Devendo ser coerente com o nível de instrução do visitante da exposição, ou seja, se infantil, se alfabetizado ou não, idoso (com letras de tamanho maior dimensão e texto bem legível).

Compreende-se que a informação escrita no museu apresenta-se sob duas tipologias:

- a) Informação geral: situando o visitante diante da instituição museal, com uma breve apresentação do percurso da exposição. Devendo ter texto breve e esclarecedor;
- b) Informação de conjuntos ou de subconjuntos: que possibilita a compreensão do conjunto de objetos de um ambiente ou percurso da exposição.

Cury (2006b) chama os recursos informacionais no contexto do museu de recursos expográficos. A autora lista uma série de elementos que se estendem aos móveis utilizados para expor os objetos musealizados, a iluminação da exposição e até aos instrumentos audiovisuais utilizados na cenografia expositiva (GONÇALVES, 2004). Sendo eles os “textos, legendas, ilustrações, fotografias, cenários, mobiliários, sons, texturas, cheiros, temperaturas” (CURY, 2006b, p. 46) os quais constroem e enriquecem a experiência sensorial dos visitantes do museu.

Em relação à informação escrita do Museu CJA pode-se perceber o resumo da vida do escritor e político José Américo em painéis, que mesclam texto e imagens (fotografias), bem como etiquetas em algumas peças do acervo, além do folder do museu – compreendendo a informação móvel (CARREÑO, 2004). Essa pode ser levada pelo visitante durante o percurso de visita, o qual traz informações sobre a criação do museu, a vida de José Américo e a exposição permanente.

Quanto aos elementos indiretamente informativos, Carreño (2004) ressalta o próprio edifício que abriga o museu e / ou a exposição. No caso do Museu CJA, a casa onde habitou José Américo realmente já carrega em si seu percentual de informação, uma vez que esta, por ser “palco” dos últimos anos da vida do escritor/político, já desperta a atenção do público visitante e já manifesta a função de divulgação social de uma instituição-memória.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as instituições museológicas como produtoras de informação e construtoras de significações criando representações de fragmentos da realidade – constituídos a partir de seus acervos – é perceber o museu como “espaço

informativa dotado de valores estruturantes capazes de enfrentar a relatividade analítica que cerca a cultura material” (LOUREIRO, LOUREIRO, SILVA, 2008, p. 5).

A exposição museológica como campo e objeto de pesquisa pode ser compreendida como um espaço de disseminação da informação. Os museus assumem – através da constituição de suas exposições – cada vez mais a missão de construtores da identidade cultural através das políticas de preservação da memória social de um povo (ALMEIDA, 2005).

Deve-se compreender a exposição em vista de proporcionar uma experiência de qualidade (CURY, 2006) para o público visitante. Castro (2005, não paginado) destaca a urgência na reflexão “[...] sobre o compromisso ético” uma vez que, para autora, as instituições museológicas possuem uma situação privilegiada como guardiães dos bens materiais informativos destacados enquanto representantes ‘de memórias sociais’ [...].”

Os objetos musealizados constroem a ilusão de que são preservadores do passado, no entanto, ao comporem o contexto do universo expositivo de uma instituição museal é atribuído novo significado aos objetos, sendo ressignificados, recontextualizados pelas pessoas que constroem e reconstrói a narrativa expositiva do museu – a instituição mantenedora, a equipe de profissionais envolvidos na produção da exposição, os doadores dos objetos que compõem o acervo e o próprio público visitante – podendo-se com isso afirmar com Santos que: “[...] São os indivíduos que atribuem significado aos objetos [...]” (SANTOS, 2002, p. 100) ganham com isso nova significação, nova representação.

Castro (2005, não paginado) defende que “dentre as chamadas instituições de memória, o museu tem um papel ímpar na sociedade moderna como mediador entre o público e o acervo, e como comunicador e produtor de discurso”. Reforçando, com isso, a função comunicativa e informativa dos museus. Com destaque para as tipologias de exposição que funcionam como veículos de intermediação entre o museu e a sociedade, e, portanto, “[...] a forma pela qual o público recebe o conteúdo e a mensagem de uma exposição proposta assegura e garante a legitimidade da função social do museu [...]” (CASTRO, 2005, não paginado).

Carvalho (2000, p. 129) observa que na constituição de seu sistema comunicacional e informativo os museus compreendem o acervo composto pelos objetos musealizados como a fonte informativa do museu, “as exposições como o meio” e os visitantes como os receptores na construção desse sistema.

O Museu CJA é uma instituição-memória primeiramente por ser um museu, que já foi listado entre as entidades reconhecidas como instituições-memória tais como arquivos, bibliotecas, museus. (CHAGAS, 2002; LE GOFF, 1996; FRAGOSO, 2009, etc.).

É representativo da cultura e da identidade cultural da sociedade política paraibana de uma época, e com isso representa a memória coletiva, mesmo que uma memória herdada e construída arbitrariamente pelos articuladores da narrativa do museu – a equipe de organizadores e os fundadores da casa-museu – bem como é representativo da memória individual do homenageado, José Américo, através da exposição dos resquícios, indícios do passado deixados pelo escritor e político, ou seja, os objetos musealizados, bens da cultura material.

Para Azevedo Netto (2005, p. 267), concordando com Diehl (2002), a noção de memória aproxima-se da noção de identidade, uma vez que “ambas são constituídas através de um processo de representação [...] a memória é um fenômeno, um ato de referenciamento [...]” é construção que passa pela esfera individual, particular, mas, fundamentalmente, pelo do contexto coletivo, público, referenciada “no reconhecimento dos patrimônios culturais [...]” (AZEVEDO NETTO, 2005, p. 267). [Texto movido da página 19]

Compreendendo a Memória como representação (DIEHL, 2002) é possível perceber que a Semiótica, tanto enquanto teoria quanto como método de pesquisa, fundamenta esse processo representacional. A relação entre a Memória e a Semiótica ocorre através dos referenciais materiais, ou seja, a cultura material (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2007).

Portanto, a análise dos fenômenos informativos, com foco na memória cultural coletiva, perpassa pela relação com análise semiótica, através da qual é possível construir modelos metodológicos para o estudo da informação enquanto suporte da memória.

Este artigo confirma a eficácia da aplicabilidade da semiótica como método nos estudos da Ciência da Informação que focalizem as práticas informacionais, sobretudo, os estudos na área de Memória com enfoque na informação museológica. Além de contribuir para

ampliação das discussões em torno da memória e das interfaces dialógicas entre a Ciência da Informação e a Museologia enfatizando o interesse das áreas em torno da informação construída no contexto das instituições museológicas.

### **INFORMATIONAL EXPOSITORY PRACTICES: a study on museum house of José Américo**

#### **Abstract**

*Information Science and Museology show opening for dialogue discipline. Both areas are interested in the museum exhibitions (LOUREIRO, LOUREIRO, SILVA, 2008; MORAES, 2008) understood as the main vehicle for creating social significance of the museum. This article results from a dissertation aimed to analyze the narrative exposition of the Museum of José Américo House (CJA) from the characterization of the formation and functioning of their expository structures, while information practices, characterized as a descriptive analysis of character too exploratory. Covers the topics: Relationship dialogical Information Science and Museology; Exhibitions and Practices Informational Museological in museological context. The research is a permanent exhibition of the Museum of José Américo House, located in the city of João Pessoa - PB, whose collection represents the life and work of writer and politician José Américo. It is used as a research method to Semiotic Analysis. To collect the data we used the technique of direct observation and qualitative interviews and non-participatory and unguided informal with museologist who planned and built the CJA Museum exhibit. It was concluded that exposure museum can be studied as an object of research and field of Information Science. Understanding the museum institutions as producers of information and construction of representations through fragments of reality represented there in material culture expressed in the exhibits is to realize the museum as a space for production of signification. Therefore, the analysis of informational phenomena, focusing on collective cultural memory, permeates through the relationship with the semiotic analysis, by which it is possible to build models for the study of methodological information as a support memory.*

#### **Keywords:**

*Information Science, and Museology. Informational practices - museum exhibitions. Semiotic - Search Method.*

---

Artigo recebido em 28/02/2013 e aceito para publicação em 13/10/2013

---

#### **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, A. M.O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. **História cienc. Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, supl. 0, 2005. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: mai. 2007.
- ALMEIDA, C.C. de; GUIMARAES, J.A.C. Peirce e a ciência da informação: considerações preliminares sobre as relações entre a obra peirceana e a organização da informação. VIII ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8,2007. **Anais eletrônicos...** Salvador, 2007. Disponível em: <www.VIIIenancib.com.br >. Acesso em: maio 2009.
- ALONSO FERNÁNDEZ, L. **Museologia y museografía**. 3. ed. Barcelona: Del Serbal, 2006.
- ANDRADE, M.M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- AZEVEDO NETTO, C. X. de. Cultura, Identidade e Cultura material: a visão arqueológica. In:

- CAVIGNAC, J. Memória. **Rev. Vivência**, n.28, p. 265-275, 2005.
- CARVALHO, R. M. R. de. Exposição em Museus e Públicos: o processo de comunicação e transferência da informação. In: PNHEIRO, L.V. R ; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. (Org.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000, p. 127-148.
- \_\_\_\_\_. As Informações de relação museu e público sob a influência das tecnologias da informação. **Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 127-139, 2006.
- CASTRO, A. L. S. de. Mito, tempo e memória: a dimensão do sagrado e a temporalidade museológica. In: PNHEIRO, L.V. R ; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N (Org.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000, p.77-89.
- \_\_\_\_\_. Informação, Ética e Museu: uma aproximação conceitual. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, São Paulo, v.6 n.2, abr. 2005. Disponível em: <www.dgz.org.br/abr05/F\_I\_art.htm > . Acesso em: jul. 2007. Não paginado.
- CHAGAS, M. de S. Museu, literatura e emoção de lidar. In: CHAGAS, M. de S.; SANTOS, M. S. dos. Museu e Políticas de memória. **Cadernos de sóciomuseologia**. Centro de estudos de sociomuseologia: [S.L.]: ULHT, n.19, 2002, p.05-34.
- \_\_\_\_\_. Memória e poder: dois movimentos. In: CHAGAS, M. de S.; SANTOS, M. S. dos. Museu e Políticas de memória. **Cadernos de sóciomuseologia**. Centro de estudos de sociomuseologia: [S.L.]: ULHT, n.19, 2002, p. 35-67.
- COELHO NETTO, J. T. **Semiótica, informação e comunicação: diagrama da teoria do signo**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 51-80. (Debates, 168)
- CURY, M. Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições. **UNIREVISTA**, v. 1 ,n.3, jul. 2006a, p. 1-13. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/\_pdf/UNIREV\_Cury.PDF>. Acesso em: ago. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006b.
- DIEHL, A. A. Memória e identidade: perspectivas para a história. In: \_\_\_\_\_. **Cultura historiográfica, memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 111-136.
- ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi ; Gilson Cesar Cardoso de Souza. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Estudos, 73).
- FRAGOSO, I. da S. **Instituições-memória: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB**. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GONÇALVES, L. R. **Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX**. São Paulo: EDUSP/ Fapesp, 2004.
- LE COADIC, Y. **A Ciência da informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.
- LIMA, D.F.C. Ciência da informação e Museologia em tempo de conhecimento fronteiriço: aplicação ou interdisciplinaridade? . In: XI ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - Diversidade cultural e políticas de informação, 9, 2008. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: mai. 2009.
- LOUREIRO, J.M.M. Labirinto de paradoxos: informação, museu, alienação. In: PNHEIRO, L.V.R ; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N (Org.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000, p.91-103.

LOUREIRO, M.L. de N.M. A obra de arte musealizada - de objeto de contemplação à fonte de informação. In: PNHEIRO, L.V.R.; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N (Org.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem.** Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000, p. 105-123.

LOUREIRO, J.M.M.; LOUREIRO, M.L. de N.M.; SILVA, S.D. Museus, informação e cultura material: o desafio da interdisciplinaridade. In: XI ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - Diversidade cultural e políticas de informação, 9, 2008. São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: USP, 2008. Mensagem pessoal recebida por <tazsilva@yahoo.com.br>. Em: out. 2008.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 24, n.1, p. 89-93, jan./abr. 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/viewFile/535/487>>. Acesso em: mar. 2011.

MIGUEL, J.M.C. **A Casa.** Londrina: EDUEL; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MORAES, J.N.L. de. Ciência da Informação e Museologia: diálogo e interfaces possíveis. In: IX ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2008. São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: USP, 2008. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <tazsilva@yahoo.com.br>. Em: out.2008.

MORENTIN, J.M. **La (s) semióticas indicial(es) a partir de Ch.S.Peirce, o como hacer signos com cosas.** [set. 2002/jan.2007]. Disponível em: <<http://www.magarios.com.ar/Semiótica-Indicial.html>>. Acesso em: maio 2010. Não paginado.

\_\_\_\_\_. **Charles Sanders Peirce: Semiótica, lógica y cognición.** [S.l.: s.n., 2008]. Disponível em: <<http://www.magarios.com.ar/Impresion.html>>. Acesso em: set. 2010.

MUSEU CASA DE JOSÉ AMÉRICO. Disponível: <<http://www.museuvirtualjoseamerico.pb.gov.br/conteudo.php?pg=museu>>. Acesso em: nov. 2010.

OLIVEIRA, B. M. J. F.; AZEVEDO NETTO, C.X. de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, I.; SEVERO, I. (Orgs.). **Cultura popular: nas teias da memória.** João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p. 27-51.

OLIVEIRA, E.B.de. ; RODRIGES, G.M. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. IX ENANCIB - Diversidade cultural e políticas de informação, 9, 2008. *Anais eletrônicos...* São Paulo, 2008. Disponível em: <[www.IXenancib.com.br](http://www.IXenancib.com.br)>. Acesso em: maio 2009.

PEIRCE, C.S. **Semiótica.** Tradução: José Teixeira Coelho Netto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PESEZ, J-M. História da cultural Material. In: LE GOFF, J. **A História nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 177-213.

PINHEIRO, L.V.R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v.15, n.1, p. 13-48, 2005. Disponível em: <[www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/51/1521](http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/51/1521)>. Acesso em: ago. 2009.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, L. M. G. de M. **Museu, Informação e Comunicação: o processo de construção do discurso museográfico e suas estratégias.** Rio de Janeiro, 1999, p. 120. (Dissertação - PPGCI CNPq/IBICT - UFRJ/ECO).

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, P.B. **Metodologia de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Mcgrawhill, 2006.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 198. (Coleção Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: [encoge], 2000.

\_\_\_\_\_. Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001, p. 56-58 (Coleção Comunicação).

SANTOS, M.S. dos. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. In: CHAGAS, M. de S.; SANTOS, M. S. dos. Museu e Políticas de memória. **Cadernos de sóciomuseologia**, [S.l.]: ULHT, n.19, 2002, p. 99-119.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 1, n.1, p. 41-62, 1996. Disponível

em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>>. Acesso em: fev. 2010.

SILVA, D. R. As formas de ver as formas: uma tentativa de compreender a linguagem expositiva dos museus. In: *Museologia: teoria e prática. Cadernos de Sóciomuseologia*, [S.l.]: ULHT, 1999, p. 67-98.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2006.

ZUBIAUR CARREÑO, F. J. **Curso de Museología**. Asturias, Espanha: Trea, 2004.